

A ORTOGRAFIA DE VERNEY (1746): UM DETALHE RELEVANTE

Maria Mercedes Saraiva HACKEROTT¹

RESUMO: O presente trabalho visa a analisar a sistematização ortográfica proposta e praticada por Verney no *Verdadeiro Metodo de Estudar* (1746). Essa ortografia, bastante simplificada e utilizada apenas por esse autor, revela uma reflexão sobre a função que a modalidade escrita desempenha na língua e discute também o papel da língua enquanto instrumento de comunicação da sociedade e da ciência. Os questionamentos desenvolvidos neste trabalho seguem orientação da Historiografia Linguística, que busca explicar como o conhecimento linguístico foi obtido, formulado e comunicado através do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia Linguística. Língua Portuguesa. Ortografia. Verney.

O *Verdadeiro Metodo de Estudar*, de Luís Antonio Verney (1713-1792), foi publicado em 1746 com uma ortografia bastante simplificada e baseada em critérios fonéticos. A ortografia adotada divergia da tendência ortográfica da época, que valorizava a proliferação do uso de consoantes dobradas, de consoantes nulas, do grupo **ch** com valor de /k/, dos digramas **th**, **ph**, **rh** e do **y**. A ortografia usualmente empregada no setecentismo tentava assemelhar a grafia da palavra portuguesa à grafia da palavra latina ou grega que lhe dera origem e, muitas vezes, deixava de considerar o percurso de transformações pelo qual passara o vocábulo. Um dos fatores que incentivou o uso da ortografia etimológica era o apreço pela erudição, porém a falta de conhecimentos filológicos gerou fantasiosas associações nem sempre bem aceitas, o que levou historiadores a considerarem pseudo-etimológica a ortografia do período. A sistematização e a adoção de uma ortografia simplificada no *Verdadeiro Metodo de Estudar* é um flagrante

¹ Pesquisadora do GT de Historiografia Linguística do IP-PUC/SP (Instituto de Pesquisas Linguísticas *Sedes Sapientiae* para Estudos do Português da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), São Paulo, SP, Brasil. ceda.hackerott@uol.com.br

de descontinuidade frente ao clima de opinião da época. Apesar de ter sido praticada apenas por esse autor, a ortografia de Verney suscitou uma discussão que extrapola os limites ortográficos e revela uma teorização sobre o conceito de língua. Desvendar a teoria linguística que sustenta a proposta ortográfica de Verney é o objetivo deste trabalho, que segue orientação teórica da Historiografia Linguística.

O Verdadeiro Metodo de Estudar

Muitas são as imprecisões bibliográficas do *Verdadeiro Metodo de Estudar*. A própria autoria do livro foi encoberta pelo nome Barbadinho e mantida no anonimato por mais de sete anos. Andrade (1949, p. 212) comenta que, em correspondência a Pina e Melo, datada de 1753, Verney ainda negava sua autoria. Outras informações bibliográficas como ano e local de publicação também foram encobertas e estas lacunas referenciais só foram esclarecidas por Martins (1997) ao complementar as investigações de Andrade.

A primeira edição do *Verdadeiro Metodo de Estudar* foi estampada em dois volumes pelos impressores Gennaro e Vincenzo Muzio, em 1746, na cidade de Nápoles. No final desse ano, uma remessa dessa edição foi enviada para Lisboa com a substituição do primeiro caderno do tomo 1 composto de oito páginas sem numeração, contendo a página de rosto, o índice e as licenças por outro caderno de 12 páginas com a página de rosto, a saudação de Antonio Balle e o índice. Esta segunda montagem teve grande circulação em Portugal. Quanto à datação e local de impressão, Martins (1997, p. 14) esclarece que Antonio Balle teve uma tipografia em Valença que funcionou de 1721 a 1740 e em seus impressos constava a estampa do locativo “Valencia” ou “Em Valencia”, mas nunca “Valensa”, como aparece na página de rosto da obra de Verney.

Na saudação, escrita sob o nome de Antonio Balle, também se observa a mesma ortografia simplificada de Verney.

O autor segue uma Ortografia particular, (que eu, movido das mesmas razoens, abrasei) e que ainda nam está bem recebida, nese Reino: e asim para nam parecer novidade, será precizo ler as cartas, como se-acham impresas: observando bem a primeira, na qual dá razam, da sua Ortografia. (VERNEY, 1746, tomo 1, “Antonio Balle obzequiozamente sauda”)

O *Verdadeiro Metodo de Estudar* é um programa de ensino organizado em dezesseis cartas assinadas pelo Pe. Barbadinho, que, da Itália, responde a solicitações feitas por um religioso da Universidade de Coimbra.

Em um primeiro tomo, Verney trata da reforma do ensino de Humanidades. A primeira carta defende o estudo de Português, avalia a gramática de Argote, elabora um plano de estudo para a língua portuguesa, sistematiza a ortografia e sugere a redução do dicionário de Rafael Bluteau. A Carta II apresenta uma nova metodologia para o ensino de Latim em substituição à gramática do padre jesuíta Manoel Álvares. A Carta III integra a programação de Latim aos conhecimentos de geografia, história e cronologia. A Carta IV introduz o estudo de Grego, Hebraico e das línguas modernas. A quinta e sexta cartas abordam a retórica e fazem algumas reflexões sobre as obras de Antônio Vieira, chegando a condenar o estilo empregado nos *Sermões*. A Carta VII trata do estudo da poesia e a Carta VIII propõe mudanças no estudo de Filosofia.

No segundo tomo, Verney aborda, em oito cartas, os Estudos Maiores: Carta IX — Metafísica, Carta X — Física, Carta XI — Ética, Carta XII — Medicina, Carta XIII — Jurisprudência Romana, Carta XIV — Teologia, Carta XV — Direito Canônico. A última carta é uma síntese do projeto educacional desde as classes de Gramática até o Curso de Teologia.

Segundo Lopes (1947), a reforma educacional de Verney contempla toda a sociedade. Os primeiros estudos deveriam ser ministrados a toda população. O estudo da leitura, escrita e gramática portuguesa deveria ser obrigatório tanto para os nobres quanto para o baixo clero secular, para as mulheres e para as classes populares.

Nisto á grande descuido em Portugal: achando-se muita gente, nam digo infima, mas que veste camiza lavada, que nam sabe ler, nem escrever: outros que, suposto saibam alguma coiza, nam contejam: o que cauza sumo prejuízo, em todos os estados da vida. Privam-se estes omens, do-maior divertimento, que pode ter um omem, quando está só; que é, divertir-se com o seu livro. fazem-se escravos de todos os outros; pois para ajustar contas, conservar correpondencias, dependem dos-mais. Fôra de Portugal, vive-se de outra sorte. sam tam raros os plebeos, que nam saibam escrever, como aqui os que o-sabem, o muxila, o carneiro, o sapateiro todos se-divertem, com os seus livros. Esta necessidade é tam clara, que todos a-experimentam: e assim nam podemos asaz condenar os Pais, que se-descuidam nesta materia. Devia também aver, em cada rua grande, ou ao menos bairro, uma escola do-Publico; paraque todos os pobres pudesem mandar lá, os seus filhos: o que se-pratica em varias partes. (VERNEY, 1746, tomo 2, p. 254)

É preciso ressaltar o cuidado de Verney com a educação feminina, que deveria ser estendida a todas as mulheres e não apenas às religiosas. A leitura era lazer e pré-requisito para o conhecimento.

Quanto à necessidade, eu acho-a grande, que as molheres estudem. Elas, principalmente as maens de familia, sam as nosas mestras, nos-primeiros anos da-nosa vida: elas nos-ensinam a lingua; elas nos-dam, as primeiras ideias das-coizas. E que coiza boa nos-âm-de ensinar, se elas nam sabem o que dizem? Certamente, que os prejuizos que nos-metem na cabeça, na nosa primeira meninise; sam sumamente prejudiciais, em todos os estados da-vida: e quer-se um grande estudo e reflexam, para se-despir deles. (VERNEY, 1746, tomo 2, p. 291)

O espírito democrático perpassa todo o *Verdadeiro Metodo de Estudar* e pode ser identificado principalmente nos parágrafos que tratam do acesso à leitura e à escrita. Estas são atividades previstas para todos, sem distinção de sexo ou classe social.

Reduzindo pois em pouco, o que se-pode dizer nesta materia, principalmente acomodando-me ao estilo de Portugal; digo, que com as molheres se-deve praticar o mesmo, que apontei dos-rapazes. O primeiro estudo das-maens deve ser, ensinar-lhe por si, ou, tendo possibilidade, por-meio de outra pessoa capaz, os primeiros elementos da-Fé. &c. explicando-lhe bem todas estas coizas: o que podem fazer, desde a idade de sinco anos, até os sete. Depois, ler, e escrever Portuguez corretamente. Isto é o que rara molher sabe fazer, em Portugal. Nam digo eu escrever corretamente, pois ainda nam achei alguma, que o-fizese; mas digo, que pouquissimas sabem ler, e escrever; e muito menos fazer ambas as coizas corretamente. Ortografia, e Pontuasam, nenhuma as-conhece. As cartas das-molheres sam escritas, polo estilo das-Bulas, sem virgulas nem pontos: e alguma que os-poem, pola maior parte é fora do-seu lugar. Este é um grande defeito: porque daqui nace o nam saber ler, e por-consequencia, o nam intender as coizas: deve-se emendar com cuidado, este defeito. (VERNEY, 1746, tomo 2, p. 292-293)

Quanto à orientação teórica, o plano educacional de Verney tenta viabilizar a substituição do Humanismo Clássico por uma nova metodologia experimental.

A inteligência estudantil não se limitaria a interrogar e a ser interrogada sobre autores; teria de haver-se com factos, teria de acostumar-se a interrogar os factos com um método matemático que lhe permitiria obter respostas significativas, cruciais. (LOPES, 1947, p. 48)

Essa mudança metodológica altera a valorização das línguas a serem adotadas nos registros científicos. As escolas que se dedicavam apenas às línguas clássicas precisam incluir no seu programa o estudo das línguas modernas, tanto materna quanto estrangeira. No setecentismo a modernidade era professada em língua vernácula que já desfrutava do mesmo prestígio outrora dedicado apenas às línguas clássicas. O projeto educacional de Verney introduz aulas de Língua Portuguesa (leitura, escrita, gramática) nas classes de Humanidade e o ensino de línguas modernas juntamente com Latim, Grego e Hebraico.

Seria também justo, que o estudante com o tempo aprendese Francez, ou Italiano, para poder ler as maravilhozas obras, que nestas linguas se-tem composto, em todas as Ciências; de que nam temos, tradusoens Latinas. Antigamente intendiam os doutos, que era necesario saber Latim, para saber as Ciências: mas no-seculo pasado, e neste prezente, dezenganou-se o mundo, e se-persuadio, que as Ciências se-podem tratar, em todas as linguas. Parece-me que com muita razam; porque a maior dificuldade das-Ciências consiste, em serem escritas em Latim, lingua que os rapazes nam intendem bem. Onde nam só sabem mal a materia, mas o tempo que deviam empregar, em a-estudar, ocupam em perceber a lingua. Com esta advertência, os Inglezes, Olandezes, Francezes, Alemens &c. comesáram a tratar todas as Ciências, em Vulgar. Esta oje é a moda. Os melhores livros acham-se escritos, em Vulgar: e qualquer omem que saiba ler, pode intender na prezente era, todas as Ciências. (VERNEY, 1746, tomo 1, p. 122)

Para Portugal ingressar na modernidade, era necessário acabar com o analfabetismo que bloqueava o progresso científico. Com Verney, o conhecimento da modalidade escrita da língua portuguesa deve ser acessível a toda população. A escrita precisa se adequar a novos critérios e substituir o parâmetro etimológico no qual o Latim e o Grego eram modelos de escrita, pelo parâmetro fonético que, por ser passível de observação e generalização, torna as regras ortográficas mais realistas e criteriosas. Assim, a nova ortografia, além de representar as palavras na escrita, passa a ser o símbolo de uma nova mentalidade condizente com os novos tempos.

A proposta ortográfica de Verney

A sistematização da ortografia portuguesa ocupa 58% da primeira carta do *Verdadeiro Metodo de Estudar* e começa com sua justificativa:

Devo tambem dizer a V.P. alguma coiza, sobre a Ortografia Portugueza. noticia que me-parece mui necessaria, e que com todo o cuidado se-deve comunicar aos principiantes: pois da-falta desta doutrina nace, que em toda a sua vida, escrevam mal: e, ainda depois de estarem em lugares de letras, é lastima ver, como muitos escrevem. (VERNEY, 1746, tomo 1, p. 14)

De acordo com Pinto (1988, p. 17), a ortografia de Verney estava baseada numa empírica doutrina fonética e visava à simplificação e à uniformização da escrita. As regras propostas resultam tanto da observação da pronúncia da língua portuguesa realizada pela audição quanto da racionalização dessa observação realizada pela sistematização das regras gerais. Santos (1947, p. 42) percebe na postura metodológica de Verney a influência inglesa de Locke, para quem o conhecimento tinha duas fontes: a sensação e a reflexão. No *Verdadeiro Metodo de Estudar*, a verdade científica era percebida por meio dos sentidos e sistematizada pela razão em regras gerais.

À acção de pensar junta-se a consciência de sentir pensando. O senso comum, o senso íntimo, a consciência, irmana o processo racional e torna-se potencia discriminadora do bom e do mau. O que a cada um é relativo, porque provém da experiência singular do sujeito que pensa, passa a ter um índice comum que permite a generalização do julgamento, e explica a possibilidade de reduzir a ciência o que é variável e opinativo. (SANTOS, 1947, p. 46)

A necessidade de uma reforma ortográfica era reivindicada por vários autores setecentistas, entretanto ela só foi homologada no século XIX. Para Verney, havia urgência em se fazer a reforma ortográfica, pois a ortografia usual não reproduzia mais a realidade observada na fala e, ao se afastar da pronúncia, se falseava a verdade da língua. A atribuição da noção de verdade à realidade ortográfica não é uma novidade, ela já fora bastante discutida principalmente no século anterior, como ilustra o seguinte fragmento:

Para que guardemos certeza, ou verdade em nossa escritura, assim devemos escrever, como pronunciamos & pronunciar como escrevemos. D'outra maneyra será nosso escrever mentiroso, porque se mente no fallar, quem falla contra o ã entende, tambem mente no escrever, quem escreve contra o que pronuncia. E o bom Portuguez para ser totalmente verdadeyro, deve ter verdade no escrever, como a tem no fallar. (PEREIRA, 1666, p. 29)

A novidade de Verney está em reconhecer como verdadeiros apenas os fatos passíveis de observação. Essa premissa levou Verney a adotar atitudes extremas como exigir a substituição do uso do Latim pelo Português nas escolas e, nas classes de Retórica ou Poesia, só aceitar redações dos alunos na língua portuguesa, jamais na língua morta, pois esta só deveria ser utilizada em exercícios de leitura, interpretação e tradução.

Ao elaborar uma ortografia fonética, Verney elegeu uma das pronúncias do Português para ser representada na escrita:

digo, que os Portuguezes devem pronunciar, como pronunciam os omens de melhor doutrina, da-Provincia de Estremadura: e, posto isto, devem escrever a sua língua, da-mesma sorte que a-pronunciam. (VERNEY, 1746, tomo 1, p. 14)

A Província de Estremadura continha Lisboa e Coimbra que eram centros econômicos, políticos e culturais na época. Além do critério regional, Verney adotou o critério cultural para eleger a pronúncia padrão, a ser sistematizada na escrita. Ao mesmo tempo em que o projeto de democratização cultural levou Verney a unificar e simplificar a ortografia para ser adotada por todos os portugueses, o compromisso com o método experimental o colocou frente à diversidade de falares e o obrigou a eleger uma variante para garantir a veracidade da escrita. Contudo, tais medidas ao invés de omitirem as variações colocaram-nas em destaque, como mostram os fragmentos a seguir.

E nam sei, se confirma também o que ate aqui dise, ver, que na Província de Entre Doiro, e Minho, ainda oje se-pronuncia, em muitas destas palavras, o *o*; pois dizem *Tabaliom, Escrivom &c.* (VERNEY, 1746, tomo 1, p.27)

Nesta letra é digno de atensam, o demaziado escrupulo de alguns, que magistralmente decidem, que o *x* tem diferente pronuncia do-*ch*, antes de *e*, ou *i*: e que é erro dizer, *Xapeo*; mas que se-deve pronunciar, *Chapeo*, carregando muito no-*ch*, para o-distinguir do *x*: e advertem, que é erro da-pronuncia da-Estremadura, pronunciar o *ch*, como *x*. Mas, sem fazer cazo da-decizam destes Senhores, julgo, que devemos continuar, na pronuncia da-Estremadura. Nam digo, que na escritura convertamos o *ch*, em *x*: deixo as coizas como se-acham: só digo, que na pronuncia, nam á diferença entre uma, e outra letra. Em materia de pronuncia, sempre se-deve preferir, os que sam mais cultos e falam bem na Estremadura, che todos os das-outras Provincias juntas. Ora é certo, que os ditos pronunciam docemente como um *x*: e nem só eles, mas muitisimos de outras Provincias, tem a mesma pronuncia. Somente alguma diversidade achei nos-Beirenses, que batem mais o dito *c*, encostando-se à pronuncia Romana do-*c*. (VERNEY, 1746; tomo 1, p.30)

A proposta ortográfica de Verney não pode ser desvinculada de um projeto educacional maior, que extrapola os limites da educação escolar e atinge toda a sociedade portuguesa. A simplificação da ortografia contribui para a democratização cultural, na medida em que desvincula a escrita portuguesa das línguas clássicas. A pronúncia a ser seguida na ortografia era a falada pelas pessoas que tinham melhor doutrina, ou melhor, que sabiam mais e conheciam mais. Para Verney, o conhecimento não estava atrelado à latinidade, vinculava-se aos sentidos, ao método experimental. Dessa forma, a ortografia portuguesa ganhou autonomia e se libertou do Latim. No *Verdadeiro Metodo* há a ruptura com a tradição ortográfica defendida por Gandavo (1574) e Véra (1631) que subordinava o conhecimento do Português ao da língua clássica.

Por onde não auia de auer pessoa que se prezasse de si, q̃ não trabalhasse por saber algũ latim, que nisso consiste o falar bem Portugues: & desta maneira facilmete euitarião todos estes erros, & serião perfectos em guardar a orthographia cõforme â ethymologia & pronunciação dos vocabulos (GANDAVO, 1574, p.9)

Orthographia he arte de escrever as vozes com as letras dividas á dierita pronunciação, & segundo sua orijem: porque orthos (em Grego) quer dizer, direito; & graphos, escrevo: como se dissessemos, escrevo como pronuncio. (VÉRA, 1631, p.1)

A defesa do critério fonético frente ao etimológico, pode ser observada nos trabalhos de Barros (1971 [1540]) e Barretto (1671), que já tinham condenado o costume de alatinar a grafia portuguesa, desrespeitando as transformações das palavras verificadas na passagem do Latim para o Português.

A Primeira e principál regra na nõssa orthografia, e escreuer totalas dições com tantas leteras com quantas a pronunçiamos, sem poer consoantes oçiosas: como uemos na escritura italiana e francesa. E dádo que a diçam seja latina, como â deriuamos a nós, e perder sua pureza, lógo á deuemos escreuer ao nõsso módo, per semelhante exemplo, Orthographia e uocábulo grego, e os latinos o escreuem desta maneira atras, e nós o deuemos escreuer com estas leteras, orthografia, por que com ellas ô pronunçiamos. (BARROS, 1971 [1540], p. 42)

A primeyra, & principal regra e a nossa ortografia, he escrever todas as diçoens cõ tantas leteras, cõ quantas pronunçiamos, sê por consoantes ociosas, como vemos na escritura Italiana, & Franceza. E dado que a diçã seja Latina, como a dirivamos a nós, & perde sua pureza, lógo a devemos escrever ao nosso modo, per semelhante

exemplo. Orthographia he vocábulo Grego, & os Latinos o escrevem desta maneira atrás, & nós devemos escrever cõ estas letras, Ortografia, porque cõ ellas o pronunciamos. (BARRETTO, 1671, p. 3)

A sistematização ortográfica de Verney está estruturada de forma bastante lógica: primeiramente, ele escolhe a pronúncia dos homens de melhor doutrina da Província de Estremadura, depois faz os ajustes necessários para que essa pronúncia seja reproduzida na escrita. Os ajustes são de três naturezas: eliminação de excessos (dobra de letras e letras nulas); substituição de inadequações (representação das nasais e uso de duas letras para representar um mesmo som: **g** e **j**; **s** e **z**; **x** e **ch**); e acréscimos (acento diferencial; apóstrofe; hífen).

Quanto à dobra de letra, Verney admite apenas a dobra de **r**, por ser a única sentida na pronúncia.

Daqui fica claro, que devem desterrar-se da-língua Portugueza, aquelas letras dobradas, que de nada servem: os dois *SS*. dois *LL*. dois *PP*. &c. Na pronuncia da-língua, nam se ouve coiza alguma que fasa dobrar, as ditas consoantes. Que se-escreva *Terra*, *Perra*, com dois *rr*, intendo eu a razam; e o ouvido me-aviza, que a pronuncia é fortissima no-*r*. pois quando nam é forte, como em *Pera*, *Caracol*, escreve-se um só *r*. mas *Elle*, *Essa*, é coiza supérflua: porque ou tenha um, ou dois *ss*. Sempre se-á-de pronunciar, da mesma sorte. (VERNEY, 1746, tomo 1, p. 14)

As grafias **ss** e **ç** foram eliminadas pois representavam o mesmo som. Para Verney, a letra **ç** valia o mesmo que a letra **s** e era desenhada pela duplicação da letra **c** contrapostas **ſ**. Em todo *Verdadeiro Metodo de Estudar*, essa regra foi respeitada havendo: *berso* (por *berço*), *serviso* (por *serviço*), *forsa* (por *força*), *obedeso* (por *obedeço*), *expresam* (por *expressão*), *dise* (por *disse*), *pesoa* (por *pessoa*), etc.

Verney também combateu a prática de dobrar vogais. Discordou de Leão (1576, p. 118), que recomendava a dobra da letra **a** em nomes femininos que tinham masculinos acabados em **ao** como *maa*, de *mao*, e de Bluteau que recomendava a dobra da letra **e**.

Costumam muitos Portuguezes dobrar os *ee* finais em muitas vozes, especialmente em *Fée*, e *Sée* &c. e alguns dobram-nos em muitas outras palavras, inclinndo-se, segundo dizem, a uma antiga pronuncia. Mas ou seja antiga, ou seja de novo inventada, deve-se fugir esta introdusam, pola mesma razam que disemos, de ser contraria à pronuncia. Concorda o Bluteau dizendo, que em algumas palavras se-supre, com um acento sobre o *é*. Mas eu digo, que nam sò em algumas, mas em todas se-deve escre-

ver um só *e*. e quanto ao cento agudo, digo, que se-lhe-deve pôr, nam para mostrar, que falta um *e*; mas para mostrar, que se-deve carregar a vogal; porque asim ensina a pronuncia. (VERNEY, 1746, tomo 1, p. 19)

Quanto às letras nulas, Verney as eliminou, como é o caso da letra *s* inicial em *scena*, devendo-se escrever simplesmente *cena*, e do uso da letra *c* antes de *t*, recomendado por Leão, mas criticado por Bluteau, que o admitia apenas em situações duvidosas como *compacto* e *compato*. O uso da letra *u* ou da letra *c* em *auto* e *acto* também deveria ser eliminado, sendo aceita apenas a forma *ato*. Mas, em *douto* e *docto*, a vogal *u* ou a consoante *c* deveria ser mantida segundo o uso. O mesmo critério foi adotado para a grafia da letra *g* antes de consoante: *Madalena* (não *Magdalena*), mas *magnifico*.

Agora digo, que nem menos se-pode sofrer, o que muitos fazem, pôr *p*, antes de *t*, em muitas disoens. vg. *Prompto* &c. Esta é uma afetasam pouco toleravel: vistoque a pronuncia Portugueza, tem já desterrado este *p*. Onde nam é a mesma razam do-*b*, ou do-*g*, ou do-*d*, que se-conservam nas palavras, *Obscuro*, *Significo*, *Adverte*: porque este, ouve-se mui bem: e o *p*, nam se-ouve sem afetasam. E nam falta quem diga, que nas duas primeiras palavras tem ja introduzido o uzo deixar aquelas letras na pronuncia: o que eu nam condeno: como nem menos condeno, quem as-pronuncia. Pode ser que com o tempo, se-deixem totalmente. (VERNEY, 1746, tomo 1, p. 28)

Verney admitiu o uso da letra *h* apenas nos dígrafos *nh*, *ch* e *lh*. A letra *h* nunca deveria ser escrita no início de palavras, pois nessa posição não era pronunciada. No *Verdadeiro Metodo de Estudar*, são encontradas palavras como: *omens* (por *homens*), *oje* (por *hoje*), *Istoria* (por *história*), *averá* (por *haverá*).

Quanto às adequações, Verney substituiu os grupos *th* e *ph*, pelas letras *t* e *f* e a letra grega *y* por *i*. Entretanto, deu preferência ao uso da letra *k* em vez de *q* por sentir que depois dessa letra sempre se pronunciava a letra *u*. Para a grafia de palavras estrangeiras, Verney alertou:

Quanto aos nomes, que ainda nam estam em uzo por-todos, mas que somente uzam, ou para melhor dizer, algumas vezes se-servem deles os literatos; deve-se praticar esta regra. Se sam nomes (falo dos-Latinos, Gregos, Ebreos, &c.) de coizas partencentes a Artes, ou Ciências, parece-me que se-devem escrever, com suas letras originais. Vg. Se quizermos explicar, ou escrever os nomes pertencentes à Anatomia, que sam todos Gregos, segundo o estilo do-Portuguez; escrevemos palavras, que se-nam-entederám: e asim é melhor, seguir a derivasam Grega. O mesmo digo, de algumas partes da-Medicina, da-Filozofia, &c. Muitos destes nomes ou nam se-podem

escrever de outra maneira, vg. *Pneumatologia &c.* ou, aindaque se-posam escrever, nam estam geralmente recebidos, nem ainda polos mesmos eruditos: e asim nam gozam, do-privilegio Portuguez. Se sam nomes Próprios, entra a mesma regra: ou sam pouco uzados; e em tal cazo é obrigasam escrevelos, com suas próprias letras. Onde nam condeno quem escreve, *Homero, Heródoto, Herodes &c.* aindaque estes trez, e outros semelhantes que estam ja muito em uzo, podem escrever-se sem *h*: o que ate os nosos Italianos ja fazem: Mas sempre é mais desculpável, se em semelhantes nomes se-uzem letras da-origem. Quanto porem aos outros, que servem de diferenciar as pessoas Portuguezas, e já estam totalmente naturalizados; devem-se vestir, com traje de Portugal. E este uzo acho praticado, em todas as Nasoens de melhor doutrina. (VERNEY, 1746, tomo 1, p. 20)

Verney substituiu o uso do til pelas consoantes nasais. *Falão* equivalia a *falaom*, sendo que a pronúncia da letra *o* entre as letras *a* e *m* era tão breve que ocasionava uma síncope resultando na grafia *falam*. A terminação *am* era diferente da terminação *an*, sendo a primeira usada nos masculinos *vam* e *irmam* e a segunda, nos femininos *van* e *irman*.

Para representar as minúsculas das formas *I* e *V*, Verney estabeleceu as letras *i* e *u* para as vogais e *j* e *v* para as consoantes. Admitiu também a grafia das consoantes maiúsculas *J* e *U*, por já estarem sendo adotadas na Alemanha.

O emprego da letra *g* ou *j* antes das vogais *e* ou *i* tinha por regra: no início de palavras, usar preferencialmente a letra *j*, exceto quando seguida por *i* (*Ginja*); no meio de palavras era preferível a letra *g*, mas em caso de dúvida, podiam usar indiferentemente das duas letras.

Nam devemos admirar-nos, se em alguma letra nem todos concordem: nam sendo posivel, que convenham todos, em matéria tam duvidoza e arbitraria. (VERNEY, 1746, tomo 1, p. 25)

A diferença de pronúncia entre as letras *z* e *s* intervocálicas também foi notada por Verney, sendo a pronúncia da letra *z* mais áspera do que a da letra *s* (*coiza, impreso*). Na posição final, essa diferença era anulada e as letras *s* e *z* eram pronunciadas com o som da letra *x*. Apesar dessa semelhança, a distinção deveria ser mantida na escrita, pois na forma plural essas mesmas letras eram pronunciadas diferentemente.

Diz Alvaro Ferreira de Vera, que nenhuma disam Portugueza, deve acabar em *x*. Muitos porem acabam em *x* algumas palavras, e entre elas *Felix, Simplex &c.* O que sei é, que a pronuncia Portugueza acaba em *x*, todas as palavras que acabam em *s*:

quero dizer, que todo o *s* final pronunciam como *x*. de que nam quero outra prova mais, que cada um observe, como pronuncia o *s* final; e que diferenca tem do-*s*, que pronunciam no-meio das-disoens. O que suposto, se seja mais útil, acabar em *x*, o que se pronuncia como *x*, ou pronunciar diferentemente os *ss* finais; eu o-deixo considerar a V.P. (VERNEY, 1746, tomo 1, p. 29)

Quanto ao que deveria ser acrescentado, Verney sugeriu o uso do acento para diferenciar pretérito (*amara*) de futuro (*amará*) e nome (*pronúncia*) de verbo (*pronúcia*). O uso do hífen foi estabelecido para: ligar pronomes a verbos (*fazemos-lhes*, *lhes-fazem*); para distinguir conjunção de pronome (*se se-fizer*), pretérito (*amase*) de presente (*ama-se*) e nominativo de outro caso (*Nós fazemos*, *nos-fazem*); e para ligar a negação ao verbo (*se-nam-faz*). Verney recomendou o uso de apóstrofe para indicar as omissões ocorridas nas ligações de palavras com vogais semelhantes (*amor d'Antonio*).

Verney encerra a sistematização ortográfica com uma retórica de ruptura. A ortografia verneiana é uma resposta ao caos ortográfico da época que, segundo ele, devia-se à falta de critério e de método das regras vigentes que impossibilitavam a unificação e simplificação da ortografia.

Isto me-parece basta advertir, sobre a Ortografia Portugueza, visto nam fazer tratado dela. muito mais, porque com estas poucas regras, se-pode responder às outras dificuldades que ocorreram. Algumas observaoens de menor momento, podem-se ver, nas Ortografias Portuguezas: tendo a advertencia, de nam se-deixar inganar, das regras que dam, porque comumente sam mui más. O P. Bento Pereira, que cuidou foi dos-primeiros, que escreveram nesta materia, dá muito más regras; e só proprias para destruir, o que cada um sabe. O Barreto, o Leam, o Vera, tem algumas coizas boas, entre outras muito más. Na mesma clase ponho, o que diz o P. Argote, nas sua Regras Portuguezas; e algum outro. Tais autores copiaram-se fielmente uns aos outros, sem examinarem a materia. (VERNEY, 1746, p. 36)

Autores citados por Verney

Uma maneira de reconstruir o clima de opinião de uma época passada é analisar as influências diretas documentadas em referências explícitas. Por meio do mapeamento das citações diretas, podem-se identificar: mudanças e inovações de conceitos; variações de temas e de seleção sobre o conhecimento acumulado; e desvios de orientação teórica. No *Verdadeiro Metodo de Estudar*, as citações diretas têm função de atestar erudição, apontar controvérsias entre os autores e conferir autoridade à argumentação.

Para explicar sua ortografia, Verney referencia Barros (1971 [1540]), Leão (1576), Véra (1631), Pereira (1666), Barretto (1671), Argote (1721) e Bluteau (Dicionário, Suplemento, Opúsculos, Prosa Apologética e Prosa gramatonómica), sendo este último, o autor mais citado e a fonte primária de seus estudos.

Mas agora, devendo dizer a V.P. o meu parecer nela, puz de parte, todos os respeitos políticos; e nam só quiz apontar, o que condeno; mas, para o-fazer melhor, tive a curiosidade de ler, o que dise nesta materia o P. Bluteau, cuja leitura me-confirmou, no-meu propozito, e me-convida, a abrir-me mais prontamente: porque alfim vejo, que tenho mais padrinhos, doque nam cuidava. (VERNEY, 1746, tomo 1, p.16)

Verney discorda de Bluteau quanto à dobra da letra *e* (cf. VERNEY, 1746, tomo 1, p. 19), ao uso da letra *q* (cf. p.18, p. 28, p.33); da letra *y* (cf. p.30-31); da letra *h* em posição inicial (cf. p.22); da letra *c* antes da letra *t* (cf. p.18); da letra *s* antes de consoante (cf. p.28); do grupo *ph* em vez da letra *f* (cf. p.33); e do til (cf. p. 25).

Quanto aos ortógrafos quinhentistas, Verney cita três vezes Leão sem revelar a fonte consultada, e dele discorda quanto à dobra de letras (cf. 1746, p. 16), ao uso da letra *c* ou *u* antes de *t* (cf. p. 18) e ao emprego de til (cf. p. 73-74). Barros é referendado apenas uma vez indiretamente e juntamente com Leão.

Que desta opiniam era Duarte Nunes de Leam, & Joam de Barros, nas suas Ortografias; e outros muitos autores que escrevêram da-lingua. Contudo diz, que na Academia do-Ericeira se-asentára, que nem sempre se-devia escrever como a pronuncia: [...] Confeso a V.P. que nam pude ler isto sem rizo. Eu nunca li as obras do-Leam, ou Barros, nem me-cansei em buscalas: (VERNEY, 1746, tomo 1, p.33)

Dos autores seiscentistas, Verney cita Barretto juntamente com Pereira para justificar a manutenção da letra *h* apenas nos grupos *ch*, *nh*, *lh* (cf. 1746, p. 22). Véra é criticado por não reconhecer palavras portuguesas terminadas pela letra *x* (cf. p. 29). De Pereira, condena o uso da letra *y* (cf. p. 30), mas concorda com a terminação de plural em *ais*, em vez de *aes*, para as palavras que no singular terminam em *al* (cf. p. 38).

De Luiz Caetano de Lima, Verney parece desconhecer a *Orthographia da Lingua Portugueza*, publicada em 1736, pois não a cita, porém referencia explicitamente a *Arte Francesa* para mostrar a tendência na França de elimi-

nar as letras não pronunciadas (cf. 1746, p. 15). Outro gramático setecentista citado é Argote, cuja doutrina Verney se propõe a emendar na primeira carta do *Verdadeiro Metodo de Estudar*.

Obras clássicas da literatura portuguesa não foram poupadas das críticas de Verney. A edição dos *Lusíadas* de Camões, feita por Ignacio Garcez Ferreira em 1731, foi criticada pelo uso de til na terminação *aõ* (cf. 1746, p. 27), e os *Sermões* de Vieira, pela confusão no emprego das letras *s* e *z* (cf. p.31). Também o clássico tratado de medicina de João Curvo Semedo publicado em 1720 foi condenado pelo uso abusivo da letra *y* (cf. p.30).

Discussão suscitada pela ortografia de Verney

Foi grande a repercussão do *Verdadeiro Metodo de Estudar* e a polémica gerada em torno dele. Dois anos depois de sua publicação, o jesuíta José de Araújo, sob o pseudônimo de Frei Arsênio da Piedade – religioso da Província dos Capuchos, publicou as *Reflexões Apologeticas*, em que condena cada uma das cartas de Verney. Em resposta a essas críticas Verney publicou, no mesmo ano, as *Respostas às Reflexoens*. A partir desse debate, apareceram diversas réplicas chegando a mais de trinta edições descritas por Andrade (1949) e Martins (1997). A celeuma instaurada envolveu jesuítas, oratorianos e leigos e só teve fim com a Reforma dos Estudos de 1759.

Na “*Reflexão IV – Da sua Orthographia*”, Araújo inicia sua crítica questionando a pseudo-autoridade do autor do *Verdadeiro Metodo de Estudar* em propor uma reforma ortográfica.

o erro do graõ Critico em nos querer introduzir novas palavras, e novo modo de escrever, sem legitima autoridade, nem ao menos apresentar procuração bastante feita em publica fôrma. (ARAÚJO, 1748, p. 15)

A essa crítica, Verney se defende na “*Reflexam IV – Da sua Orthografia*” com as seguintes palavras:

Onde aprendeste esta Logica, Fr. Arsenio? Para provar alguma coiza deveis provar, que nam se podia admitir palavra nenhuma sem uma Lei feita pelo Senado, ou por Elrei. Mas emquanto deixais a introdusam ao uzo, deveis saber, que alguém deve ser o primeiro a introduzilas, outro a abasalas, e assim se vai fazendo o uzo. Pergunto agora, quem á de ser o introdutor? Um sapateiro, ou um omem douto? Sem duvida que o douto. E neste cazo que coiza provais? Nada. (VERNEY, 1748, p. 14)

Quanto à reformulação ortográfica propriamente dita, Araújo combateu as regras verneianas que tratavam da eliminação das dobras de letras e do uso da letra *h* e do til.

Manda desterrar para fora do Reino as letras dobradas, e toda a culpa he, por se não expressarem na pronuncia, e la vay tambem desterrado o *h* pelo mesmo peccado. Tomara saber, q̃ intercessão lhe meteo a letra *u*, ou que privilegio teve, para que tambem não fosse desterrada das palavras, em q̃ se não exprime, como são: *guerra, guiar, esquecer, que, quiz, quem, quero, &c.* Alem de que he contra o estylo, e uzo commum, que faz ley consuetudinaria; e vindo às palavras de letras dobradas das latinas, que as tem, he bem que se conservem, e não sejaõ sentenciadas sem serem ouvidas, como *amassem, lessem, de amavissent, legissent.* Outras vezes servem para distincção da pronuncia de breve, ou longa; como *andasse, anda-se, conservasse, conserva-se;* e o remedio que lhe quer pôr com as risquinhas, bem se póde riscar.

Elle mesmo concede, que se escreva com *h* *Herodes*, e outros semelhantes, porque o tem no seu original; e porque não bastara a mesma razão para as letras dobradas, e *h*? Acrescenta, que tambem se escreva o *h* na palavra, por não escandalizar aos leitores: de sorte que nos escandalizara faltar a *Herodes* um *h*, e não devemos receber escandalo de tirarem ás outras palavras? Por ventura tem mais privilegio *Herodes*, que foy Rey tyrano, do que *Henrique* nome de um Emperador santo? [...]

Aqui nos quer dar huma nova explicação do *aõ* Portuguez, e nos quer persuadir, que tem hum *m* no fim, e talvez levado deste engano costuma escrever: **razam, mam, amaram, vieram** com este modo engana a qualquer estrangeiro, que quizer ler as taes palavras na mesma fórmula, que as ve escritas, e lhe dará sem duvida o mesmo som, que a estas latinas: **amandam, quendam, legendam**, etc. E ainda dado, que o nosso *aõ* leve no fim *m*, devia nesse cazo escrever **razaom, maom, amaraom, vieraom**, e teria sua galanteria. Não há duvida, que o nosso *aõ* leva *m*, mas não no fim depois do *o*, leva-o entre o *a*, e *o*, v.g. **rezamo**; porem com esta advertencia, que o *m*, não deve juntar-se, nem fazer syllaba com o *o*, mas deve fazer huma syllaba junto com o *a*, e para signficarmos isto, se inventou assinar uma plica entre o *a*, e *o*: desta sorte escrevendo tudo, deveria ser assim: re-zam-o, vi-e-ram-o. Faça-se agora reflexão em querer ajuntar as taes syllabas na pronuncia, e acharse-há; que daõ o mesmo som, que damos, quando pronunciamos **razaõ, vieraõ**. (ARAÚJO, 1748, p. 15-16)

Verney desconsidera as críticas em relação à eliminação das letras dobradas e do uso da letra *h* em posição inicial, desconsiderando a autoridade do oponente que apresenta uma ortografia sem uniformidade além de ter um estilo pouco convincente e sem elegância. Quanto à censura do til, rebate com a justificativa:

Tambem vejo, que nam sabeis, que a consoante entre duas vogais se une sempre com a vogal seguinte: porque se o soubeseis, nam direis, que em *razaom*, *vieraom*, etc. se deve escrever o *m* entre as Letras *a*, e *o* asim, ra-zam-o, vi-e-ram-o. Porque desta sorte faz um som despropozitadisimo. (VERNEY, 1748, p. 15)

Tal resposta ilustra o clima de opinião frente à adoção ou não do til, discussão iniciada com Leão no século XVI:

E a causa desta necessidade he, que a razão da orthographia, em totalas lingoas, requer, quando entre duas vogaes vem hũa consoante, que sempre essa consoante va com a vogal seguinte, como: amo, Roma. As quaes dições he manifesto, que se hão de screuer assi, a-mo, Ro-ma. Mas acerca de nos, há hũa peculiar, & própria pronunciação, & estranha das outras nações, que em algũas dições, onde o .m. vem entre duas vogaes, pronunciamolo de maneira, que fica com a vogal precedente, & não com a seguinte. A qual pronunciação de .m. não he perfecta, nem inteira. Pólo que não sem razão, o chamarem liquido, porque fica mais apagado, & froxo, que quando vai com a vogal seguinte, como se vee nestas palavras, Alemam-o, capitam-o. Onde assi soa o .m. como se ficasse com o .a. precedente, sem ferir no .o. que se segue.

E por assi ser liquido este .m. & não servir a vogal seguinte, & ainda soar pouco, dá lugar, que as duas vogaes, em que elle interuem, se ajũtem sempre em diphthongo, fazendo hũa sôo syllaba, ainda que as vogaes ambas sejam de hum gênero. Pólo que para denotarmos esta differença, de quando vai com a vogal precedente, & he assi froxo, o screuemos necessariamẽte per a dicta abbreviatura, por não teermos outra letra, co que o representemos. E assi dizemos, Alemão, capitão, falcões, beleguĩjs. (LEÃO, 1576, p. 24-25)

Sem mais explicações convincentes, ambos, Verney e Araújo, transferem a discussão do campo da ortográfica para o embate pessoal e a racionalidade é abandonada: o arbitrário se apresenta como resolução e a autoridade de cada autor passa a estabelecer o padrão de correção ortográfica.

Por ultima concluzaõ, esta primeira Carta he escuzada, e o tempo, em que escreveo, melhor seria gastallo em rezar pelas contas. (ARAÚJO, 1748, p. 18)

Em fim como de Ortografia vejo que nam entendeis nada, nam tenho mais que vos aconselhar, senam que leais bem, e entendais a primeira carta do autor, e a compareis com o que dizem os autores Portuguezes, que ele cita; e vereis que nas regras fundamentaes pela maior parte concordam: e a diferensa so está emque o Barbadinho da regra da pronuncia tira bem as consequencias, e as pratica; o que nam fazem os outros. (VERNEY, 1748, p. 16)

Considerações finais

Segundo Swiggers (1990, p. 21), a Historiografia Linguística é a disciplina que descreve e explica como o conhecimento linguístico foi obtido, formulado e comunicado através do tempo e não apenas trata do conhecimento expresso nos cânones gramaticais ou que é acatado pela comunidade científica. Assim, apesar de não ser um compêndio ortográfico, nem reproduzir a tendência ortográfica da época, a primeira carta do *Verdadeiro Metodo de Estudar* tem grande interesse historiográfico, pois revela uma proficua reflexão sobre a língua e a ortografia portuguesa.

Vale lembrar que no século XVIII não havia ainda uma ortografia oficial do Português. Na época, o uso arbitrário de cada autor variava e o critério de correção ortográfica dependia do prestígio de quem escrevia. Na prática, valia mais a autoridade de cada escritor do que a razão que regia tal prática ortográfica. Ciente de tal contexto de produção da escrita, Verney formaliza e aplica sua ortografia.

A sistematização ortográfica de Verney mostra uma nova finalidade para a modalidade escrita da língua portuguesa que, além de registrar a literatura, passa a registrar os resultados das observações científicas. No período analisado, observa-se a emergência de uma nova maneira de se fazer ciência. A tradição clássica entra em disputa com uma prática experimental, em que a verdade científica decorre da observação dos fatos. A língua, instrumento de registro dessa nova ciência, precisa ser cientificamente verdadeira, isto é, passível de comprovação observacional. Apesar do aspecto individual da realização linguística, decorrente da variação regional, social e cultural do uso da língua, é possível verificar certas generalizações, isto é, regras gerais que regem as manifestações individuais. Nessa perspectiva, Verney padroniza a ortografia da língua portuguesa. A simplificação das regras ortográficas viabiliza seu projeto de democratização da modalidade escrita da língua portuguesa. Segundo o autor setecentista, essa era a única maneira de inserir Portugal no novo cenário cultural europeu que não mais admitia uma população iletrada. Nota-se a postura arrojada de Verney em utilizar uma ortografia bastante simplificada resultante da observação da língua utilizada pelas autoridades no assunto. A simplificação ortográfica é fundamental para a educação de toda a população independentemente de sexo ou condição social. Nesse sentido, a ortografia de Verney adquire uma dimensão ideológica e representa a vitória

do novo sobre o velho, a vitória da razão experimental sobre a especulação tradicional e principalmente a vitória do *Verdadeiro Metodo de Estudar para ser util à Republica e à Igreja* sobre os demais métodos utilizados em Portugal.

HACKEROTT, Maria Mercedes Sarava. The orthography of Verney (1746): A relevant detail. *Revista do Gel*. São Paulo, v. 7, n. 1, p. 71-89, 2010.

ABSTRACT: *This paper aims to analyze the orthographic systematization proposed and practiced by Verney in his Verdadeiro Metodo de Estudar (1746). This orthography, quite simplified and employed only by this author, reveals a reflection about the function that the writing modality performs in the language and also discusses the role of the language as a communication tool of the society and the science. The issues developed in this work follow the Linguistic Historiography, which attempts to explain how the linguistic knowledge was acquired, formulated and communicated throughout the time.*

KEYWORDS: *Linguistic Historiography. Portuguese. Orthography. Verney.*

Referências

ANDRADE, Antonio Alberto Banha de. Bibliografia da Polémica Verneiana. **Brotéria**, Lisboa, v. 49, fasc. 2-3, p. 210-232, 1949.

ARAÚJO, José de. **Reflexoens Apologeticas à Obra Intitulada Verdadeiro Metodo de Estudar Dirigida a Persuadir hum Novo Metodo para Portugal se Ensinarem, e Aprenderem as Sciencias, e Refutar o que neste Reino sa Pretica; Expendidas para Desagravo dos Portuguezes em huma Carta, que em Resposta de outra Escreveo da Cidade de Lisboa para a de Coimbra**. Valensa: Antonio Balle, 1748.

ARGOTE, Jeronymo Contador de. **Regras da Lingua Portugueza Espelho da lingua Latina, ou Disposiçam para facilitar o ensino da lingua Latina pelas regras da Portugueza**. Lisboa: Officina de Mathias Pereyra da Sylva & João Antunes Pedrozo, 1721. [com o pseudônimo de Padre Caetano Maldonado da Gama]

BARRETTO, Joam Franco. **Ortografia da Lingua Portugueza**. Lisboa: Officina de João da Costa, 1671.

BARROS, João de. **Gramática da Língua Portuguesa**. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1971. [1540]

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Regras que ensinam a maneira de escrever e Ortho-**

graphia da lingua Portuguesa, com hum Dialogo que adiante se segue em defensam da mesma lingua. Lisboa: Officina de Antonio Gonçalvez, 1574.

LEÃO, Duarte Nunes do. **Orthographia da Lingoa Portuguesa.** Lisboa: João de Barreira, 1576.

LOPES, Oscar. Verney e a Crise do Humanismo Clássico. **Seara Nova**, Lisboa, n.10, p. 47-48, 25 de janeiro de 1947.

MARTINS, Teresa Payan. **Verdadeiro Método de Estudar.** 1997. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/chc/pdfs/VERNEY.pdf>. Acesso em: 15 mar 2010.

PINTO, Rolando Morel. **História da Língua Portuguesa.** São Paulo: Ática, 1988.

PEREIRA, Bento. **Regras Gerays, Breves, & Comprehensivas Da Melhor Orthografia; com que se podem evitar erros no escrever em Lingua Latina, & Portuguesa.** Lisboa: Domingos Carneiro, 1666.

SANTOS, Marina Machado. Verney e o bom-gosto. **Seara Nova**, Lisboa, n.10, p. 42-46, 25 de janeiro de 1947.

SWIGGERS, Pierre. Reflections on (Models for) Linguistic Historiography. In: HÜLLEN, Werner (Ed.) **Understanding the historiography of Linguistics: Problems and Projects.** Münster: Nodus, 1990. p. 21-34.

VÉRA, Alvaro Ferreira de. **Ortografia ou Modo para Escrever Certo na Lingua Portuguesa.** Com hum Trattado da Memoria Artificial: outro de muita semelhança que tem a Lingua portuguesa com a Latina. Lisboa: Officina de Joam da Costa, 1631.

VERNEY, Luiz Antonio. **Verdadeiro Metodo de Estudar, para Ser util à Republica, e à Igreja:** Proporcionado ao Estilo, e Necesidade de Portugal. Valensa: Antonio Balle, 1746.

_____. **Respostas às Reflexoens, que o R.P.M. Frei Arsenio da Piedade Capucho fez ao Livro intitulado Verdadeiro Metodo de Estudar.** Escrita por outro Religioso da dita Provincia para desagravo da mesma Religiam, e da Nasam. Valensa: Antonio Balle, 1748.